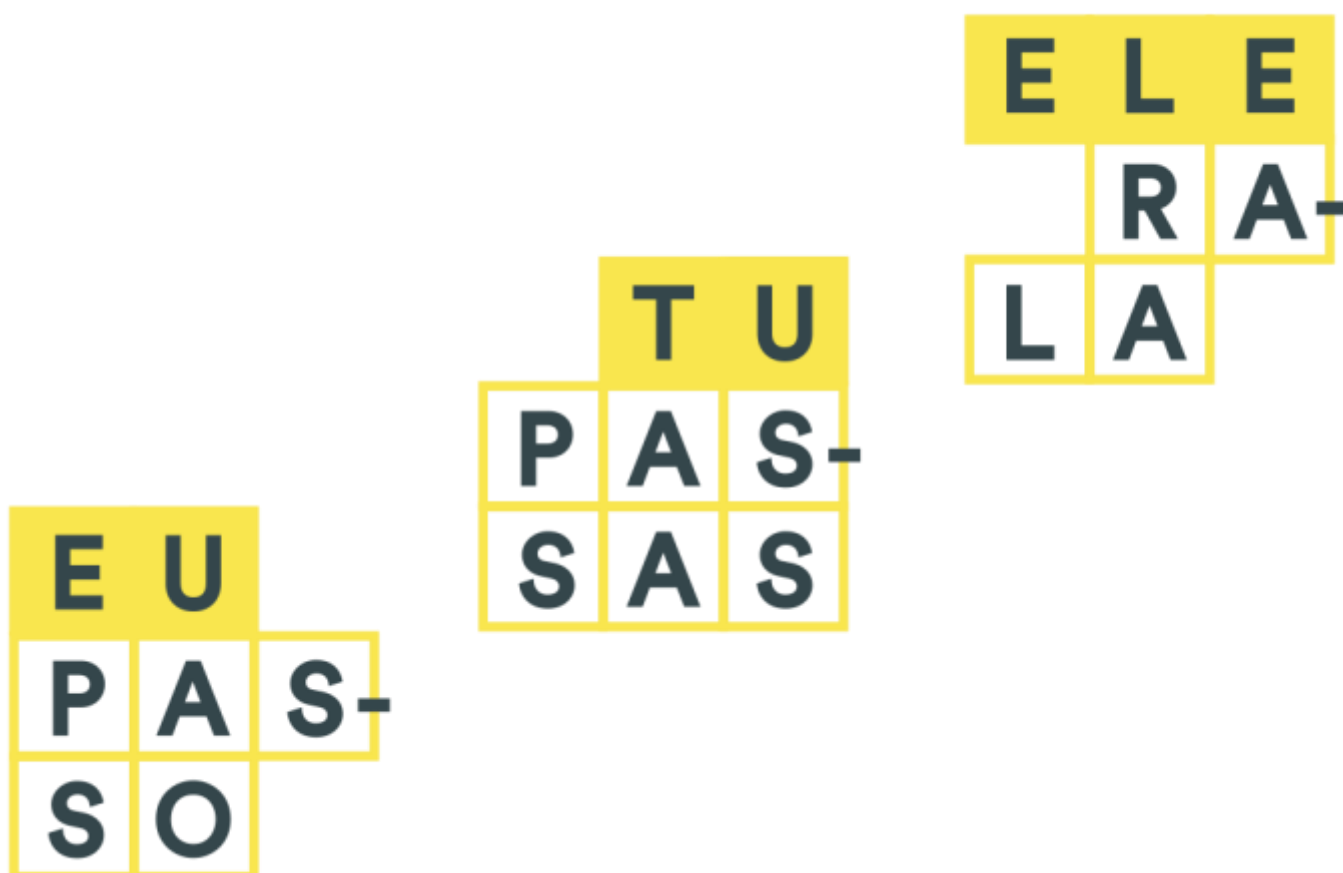


Resolução de questões de provas específicas de Português – (3)



Resolução de questões de provas específicas de Português – (3)

Texto para as questões 1 e 2.

Barcos de Papel

Quando a chuva cessava e um vento fino
Franzia a tarde úmida e lavada
Eu saía a brincar pelas calçadas
Nos meus tempos felizes de menino.

Fazia de papel, toda uma armada
E, estendendo meu braço pequenino
Eu soltava os barquinhos sem destino
Ao longo das sarjetas, na enxurrada...

Fiquei moço. E hoje sei, pensando neles,
Que não são barcos de ouro os meus ideais
São barcos de papel, são como aqueles:

Perfeitamente, exatamente iguais!
Que os meus barquinhos, lá se foram eles!
Foram-se embora e não voltaram mais.

(Guilherme de Almeida. In Acaso.)

1. (UECE) O poema de Guilherme de Almeida, “Barcos de Papel”, estrutura-se binariamente. Assinale a opção cujo dualismo NÃO se encontra no poema.

- a) Passado e presente.
- b) Infância e maturidade.
- c) Nascimento e morte.
- d) Ilusão e desengano.

2. (UECE) Atente aos dois versos finais do poema e ao que se diz sobre eles.

I. O verbo ir, no pretérito perfeito (foram), foi usado no interior do verso 13 e no início do verso 14, constituindo uma figura de linguagem que tem função textual: reforçar o sentido do verbo ir, sugerindo que os ideais do eu poético se foram de vez, sem possibilidade de retorno.

II. O verbo ir (foram) vem acompanhado do pronome se, primeiro, em posição proclítica, depois, em posição enclítica. Esse pronome não tem função sintática, mas função textual. O pronome repetido é mais um recurso que reforça o desengano do sujeito lírico.

III. Os dois diminutivos do texto – pequenino e barquinhos – indicam apenas dimensão. De fato, os braços de uma criança são realmente pequenos.

Está correto o que se diz somente em:

- a) I e III.
- b) II.
- c) I e II.
- d) II e III.

Texto para as questões 3, 4, 5 e 6.

Diálogo da relativa grandeza

Sentado no monte de lenha, as pernas abertas, os cotovelos nos joelhos, Doril examinava um louva-deus pousado nas costas da mão. Ele queria que o bichinho voasse, ou pulasse, mas o bichinho estava muito à vontade, vai ver que dormindo – ou pensando? Doril tocava-o com a unha do dedo menor e ele nem nada, não dava confiança, parece que nem sentia; se Doril não visse o leve pulsar de fole1 do pescoço – e só olhando bem é que se via – era capaz de dizer que o pobrezinho estava morto, ou então que era um grilo de brinquedo, desses que as moças pregam no vestido para enfeitar.

Entretido com o louva-deus, Doril não viu Diana chegar comendo um marmelo, fruta azeda enjoada que só serve para ranger os dentes. Ela parou perto do monte de lenha e ficou descascando o marmelo com os dentes mas sem jogar a casca fora, não queria perder nada. Quando ela já tinha comido um bom pedaço da parte de cima e nada de Doril ligar, ela cuspiu fora um pedaço de miolo com semente e falou:

- Está direitinho um macaco em galho de pau. Doril olhou só com os olhos e revidou:
- Macaco é quem fala. Está até comendo banana.
- Marmelo é banana, besta?
- Não é mas serve. Ficaram calados, cada um pensando por seu lado. Diana cuspiu mais um caroço.

- Sabe aquele livro de história que o Mirto ganhou?
- Que Mirto, seu. É Mililton. Mania!
- Mas sabe? Eu vou ganhar um igual. Tia Jura vai mindar.
- Não é mindar. É me-dar. Mas não é vantagem.
- Não é vantagem? É muita vantagem.
- Você já não leu o de Milton?
- Li mas quero ter. Pra guardar e ler de novo.
- Vantagem é ganhar outro. Diferente.
- Deferente eu não quero. Pode não ser bom.
- Como foi que você disse? Diz de novo?
- Já disse uma vez, chega.
- Você disse deferente.
- Foi não.
- Foi. Eu ouvi.
- Foi não.
- Foi.
- Foi não.
- Fooooi.

Continuariam até um se cansar e tapar o ouvido para ficar com a última palavra, se Diana não tivesse tido a habilidade de se retirar logo que percebeu a dízima². Com o pedacinho final do marmelo entre os dedos ela chegou-se mais perto do irmão e disse:

- Gi! Matando louva-deus! Olhe o castigo!
- Eu estou matando, estou?
- Está judiando³. Ele morre.
- Eu estou judiando?
- Amolar um bicho tão pequenininho é o mesmo que judiar.

Doril não disse mais nada, qualquer coisa que ele dissesse ela aproveitaria para outra acusação. Era difícil tapar a boca de Diana, ô menina renitente⁴. Ele preferiu continuar olhando o louvadeus. Soprou-o de leve, ele encolheu-se e vergou o corpo para o lado do sopro, como faz uma pessoa na ventania. O louva-deus estava no meio de uma tempestade de vento, dessas que derrubam árvores e arrancam telhados e podem até levantar uma pessoa do chão. Doril era a força que mandava a tempestade e que podia pará-la quando quisesse. Então ele era Deus? Será que as nossas tempestades também são brincadeira? Será que quem manda elas olha para nós como Doril estava olhando para o louva-deus? Será que somos pequenos para ele como um gafanhoto é pequeno para nós, ou menores ainda? De que tamanho, comparando – do de formiga? De piolho de galinha? Qual será o nosso tamanho mesmo, verdadeiro?

José J. Veiga A máquina extraviada. Rio de Janeiro: editora Prelo, 1968.

Vocabulário:

1 fole – papo

2 dízima – **refere-se** à dízima periódica, algo sem fim

3 judiar – maltratar

4 renitente – teimosa

3. (UERJ) “Ele preferiu ficar olhando o louva-deus. Soprou-o de leve, ele encolheu-se e vergou **o corpo para o lado do sopro,**”

“Será que as nossas tempestades também são brincadeira? Será que quem manda elas olha para nós como Doril estava olhando para o louva-deus?”

Nos dois trechos acima, há uma variação no envolvimento do narrador com a história que ele conta. Explique em que consiste essa variação. Em seguida, indique o recurso gramatical usado para expressá-la.

4. (UERJ) “**era** capaz de dizer que o pobrezinho estava morto,”

“Continuariam até um se cansar e tapar o ouvido para ficar com a última palavra,”

“qualquer coisa que ele dissesse”

“Será que as nossas tempestades também são brincadeira?”

Nestas quatro passagens, retratam-se situações hipotéticas, apenas imaginadas pelo narrador ou pelos personagens. Caracterize a forma linguística usada em cada uma para exprimir suposição em lugar de certeza.

5. (UERJ) No último parágrafo, as perguntas formuladas dizem respeito à relatividade dos animais e dos homens quando comparados uns aos outros. Essa ideia de que nada é absoluto também pode ser percebida nos diálogos entre os personagens Doril e Diana.

Transcreva, desses diálogos, duas passagens que exemplifiquem a percepção da relatividade retratada no conto. Justifique suas escolhas.

6. (UERJ) Observe que, nos fragmentos abaixo, os pronomes *o* e *elas* desempenham a mesma função sintática: objeto direto.

- a) Soprou-o de leve, ele encolheu-se e vergou o corpo para o lado do sopro, como faz uma pessoa na ventania.
- b) Será que quem manda elas olha para nós como Doril estava olhando para o louva-deus?

Explique a diferença de formas entre os pronomes, com base na diversidade de usos da língua. Reescreva integralmente cada construção sublinhada, de modo que o item a passe a ter a forma característica de b, e b passe a ter a forma característica de a.

Gabarito

1. Letra C
2. Letra C
3. No primeiro fragmento, o narrador relata de maneira mais objetiva e distanciada. / No segundo, o pensamento do narrador se confunde com o do personagem. / Mudança da **3ª para a 1ª pessoa / uso dos pronomes “nossas” e “nós” no segundo trecho. (Gabarito Oficial UERJ)**
4. 1ª passagem - **uso da construção “era capaz de”**
2ª passagem - emprego do verbo continuar no futuro do pretérito
3ª passagem - emprego do verbo dizer no modo subjuntivo
4ª passagem - **uso da forma interrogativa “Será que”**
5. Duas das passagens e respectivas justificativas:
 - Macaco é quem fala. Está até comendo banana.
 - Marmelo é banana, besta?
 - Não é mas serve.Para responder à provocação de Diana, marmelo e banana se equivalem na visão de Doril.
 - Li mas quero ter. Pra guardar e ler de novo.
 - Vantagem é ganhar outro. Diferente.
 - Deferente eu não quero. Pode não ser bom.O trecho mostra as opiniões diferentes sobre a leitura de Diana e de Doril.
 - Está judiando. Ele morre.
 - Eu estou judiando?
 - Amolar um bicho tão pequenininho é o mesmo que judiar. A distinção entre amolar e judiar é indiferente para Diana. (Gabarito Oficial UERJ)
6. **A forma “o” mostra um emprego típico da língua escrita padrão. A forma “elas” mostra um emprego típico da fala informal. Soprou ele de leve / Será que quem as manda. (Gabarito Oficial UERJ)**